

CREPÚSCULO, UMA FANFIC E A REPRESENTAÇÃO UTÓPICA NO ATO DA (RE)ESCRITA DIGITAL

Ticiane Oliveira da Silva Caldas¹
Márcia Helena de Melo Pereira²
Ana Claudia Oliveira Azevedo³

Resumo: Dadas as exigências da BNCC quanto à implementação de tecnologias digitais na Educação Básica, neste trabalho, analisamos o gênero discursivo digital *fanfic*, buscando compreender o papel do jovem diante de uma nova forma de leitura e escrita, baseada na (re)criação de histórias por fãs, potencializadas pelas transformações tecnológicas advindas do processo de globalização. Além disso, visamos investigar, com base nos apontamentos de Mikhail Bakhtin, quais aspectos da carnavalização podem ser observados no *corpus* escolhido, bem como se o caráter utópico implícito na composição de uma *fanfic* é propriamente uma característica carnavalizada. Além da teoria bakhtiniana a respeito dos gêneros discursivos e da carnavalização, baseamo-nos, também, em Xavier (2009), Dionisio (2011) e Rojo (2013) para abordar os conceitos de hipertexto, multimodalidade e letramento digital. Assim, a partir da análise do *corpus*, constatamos que, em uma *fanfic*, a percepção de um fã é transposta em sua escrita, que demonstra a busca pela representação dos personagens e enredos que melhor conversam com as mudanças sofridas pelo próprio sujeito-fã-autor, para provocar identificação ou representar um ideal utópico. Com isso, propomos que o gênero *fanfic* seja trabalhado em aulas de Língua Portuguesa, a fim de desenvolver o senso crítico dos estudantes e seu letramento digital.

Palavras-chave: Carvanalização. Gênero digital. *Fanfic*.

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas pelos estudantes da educação básica, com a finalidade de amenizar as desigualdades na educação entre o sistema público e privado. O documento teve sua primeira versão elaborada em 2015 e, após consulta pública e reformulações, teve a mais recente

^{1*} Graduanda em Letras Vernáculas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: tici.caldas@hotmail.com.

^{2**} Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição (PPGLin/UESB). E-mail: marcia.helena@uesb.edu.br.

^{3***} Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). E-mail: 98anaclaudia@gmail.com.



atualização no ano de 2018. Na Base, encontramos uma recorrente inserção da tecnologia dentre os objetos de ensino. Nesse sentido, ainda que abordados de forma superficial pela BNCC, os gêneros discursivos digitais apresentam diversas possibilidades para os alunos e oferecem infinitas ferramentas para auxiliar os professores em seu ofício.

Assim, legitimamos a necessidade de analisarmos os gêneros discursivos digitais, em busca de compreender o papel do (hiper)texto nessa nova sociedade, bem como do próprio jovem enquanto sujeito autor e sujeito autônomo, como postulado por Mikhail Bakhtin (2003) em suas reflexões sobre o conceito e a aplicação dos gêneros. Por isso, neste trabalho, observamos o gênero discursivo digital *fanfic* em sua construção e suas raízes carnavalizadas, visando compreender de que forma seus usuários (re)configuram a utopia nesse gênero.

A *fanfiction*, junção dos termos em inglês *fan* e *fiction*, significa *ficção de fã* e, de modo geral, se apresenta como narrativa desenvolvida e/ou editada por fãs de determinado objeto presente no mundo, que pode ser parte do universo real ou ficcional, como veremos mais adiante. A *fanfic* apresenta, portanto, um forte potencial utópico, tendo em vista que o objetivo dessas narrativas é, principalmente, aproximar o fã de seu objeto de admiração, construindo uma história perfeita, de acordo com suas preferências. Sendo assim, buscamos investigar se essa utopia pode ser considerada uma característica carnavalizada.

Para nos aprofundarmos em cada importante aspecto dessas considerações, o presente artigo contém, após esta curta introdução, uma detalhada fundamentação teórica, na qual desvendamos conceitos importantes, como hipertexto, multimodalidade e letramento digital, além de discutirmos sobre carnavalização e o próprio gênero *fanfic*. Após essa explanação, apresentamos a metodologia e o *corpus* utilizado nesta pesquisa, para, em seguida, realizarmos a análise do material selecionado, ressaltando a (re)construção da utopia em uma história (re)inventada. Por fim, realizamos as considerações finais do trabalho.

Letramento e tecnologia: a multimodalidade nos gêneros discursivos

O filósofo Mikhail Bakhtin, nascido em 1895, em Moscou, Rússia, dedicou sua vida a pensar e reformular diversos objetos de estudo, como o homem, a sociedade e a língua, oferecendo, assim, uma perspectiva inovadora sobre eles. Os pressupostos de Bakhtin e seu Círculo são de grande importância para diversos estudos atuais. Ainda hoje, no que diz respeito

ao ensino da língua portuguesa, a BNCC utiliza, diversas vezes, as abordagens do autor, ao considerar, por exemplo, os gêneros enquanto resultado da interação social e como ponto de partida para a aprendizagem de línguas.

De acordo com Bakhtin (2003), as atividades sociais situadas no espaço-tempo são transpostas para os gêneros discursivos, por meio dos quais interagimos. Conforme o teórico, os gêneros discursivos são *tipos relativamente estáveis de enunciados*, alicerçados em três pilares correlacionados: *conteúdo temático*, relacionado com o tema do gênero e com o juízo de valor do falante a respeito dele; *estilo verbal*, que consiste nas escolhas linguísticas realizadas no gênero; e *construção composicional*, referente, em suma, à sua estrutura.

As marcações teóricas de Bakhtin também são discutidas por Xavier (2009), que defende que a forma de construir e interpretar o mundo foi logicamente alterada pelo processo de globalização e pela popularização da internet, estendendo-se ao campo do estudo de gêneros. Nos gêneros discursivos digitais, observamos a multiplicidade de linguagens oferecidas pelo ambiente digital e temos a possibilidade de inserir as diferentes modalidades de forma combinada em um único texto, formando uma rede de *links* e informações que estão ancoradas no texto original e podem aparecer em diferentes formas, seja sonora, verbal ou imagética.

Com base nisso, se observarmos o texto como meio de comunicação e socialização que visa estabelecer sentido entre os interlocutores e proporcionar o registro histórico da sociedade, assim como mencionado na BNCC, poderemos considerar o hipertexto enquanto um impressionante resultado das alterações tecnológicas e desenvolvimento da internet. Nesse contexto, o hipertexto apresenta-se enquanto um modo de produção textual que está, principalmente, inserido no ambiente virtual e admite, além das palavras, variados outros elementos não escritos que possibilitam a interação e interpretação desse fenômeno, o que lhe atribui características abrangentes e extensivas. Consequentemente, esse processo resulta no que Rojo (2013) discorre sobre a multimodalidade, termo que está relacionado com as várias semioses e linguagens oferecidas na contemporaneidade e com a própria pluralidade cultural envolta nesse cenário.

Dessa forma, é possível inferir que os conhecimentos exigidos para a percepção do hipertexto vão além da decodificação das letras. Segundo Xavier (2009), para um texto ser considerado hipertexto, é necessário que preencha cinco requisitos que o caracterizam. São eles: *imaterialidade e virtualidade*, visto que são apresentadas várias formas não táteis de interação com o texto; *ubiquidade*, já que o texto pode ser acessado em vários dispositivos ao mesmo



tempo; *convergência de linguagens*, pois diferentes modos de enunciação convergem em um único texto; *não linearidade ou multilinearidade*, uma vez que o texto pode ser consumido por diferentes caminhos; e, por fim, *intertextualidade infinita*, que consiste na intensificação das relações entre textos, inclusive em diferentes modos de linguagem.

Apesar das curiosas funcionalidades plurais elencadas acima sobre o hipertexto, é necessário cuidado quando falamos dessa amplitude de elementos difundidos, visto que eles podem gerar falta ou dificuldade de foco e concentração. Isso significa que a linearidade textual do conteúdo principal oferecido no hipertexto pode ser afetada pelos excessos disponíveis em determinada página virtual, o que, conseqüentemente, pode interferir na coerência textual. Por mais que os *links*, no geral, apresentem relações que complementam as informações principais, também podem oferecer um mundo de alternativas paralelas ao conteúdo, com o intuito de cativar a presença do leitor, mas podendo gerar a perda de objetividade.

Portanto, para acompanhar as mudanças no mundo atual, é preciso que certos conceitos sejam revisitados e igualmente adaptados, a exemplo do conceito de letramento e seus desdobramentos. Nesse sentido, Dionísio (2011, p. 135-136) salienta que:

A noção de letramento como habilidade de ler e escrever não abrange todos os diferentes tipos de representação do conhecimento existente em nossa sociedade. Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser alguém capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagem, incorporando múltiplas fontes de linguagem.

Ou seja, a combinação de elementos visuais aos escritos, vigente no meio tecnológico, gera um forte hibridismo já característico da modernidade. Por sua vez, essa situação exige uma nova roupagem para o conceito de letramento, gerando, assim, o denominado letramento digital, que revela justamente a união entre o que já compreendemos por letramento (a habilidade de interagir com o texto de forma ativa) e as necessidades exigidas num cenário virtual. Letramento digital é, em suma, a habilidade de utilizar e interagir com o próprio ambiente digital, bem como com os gêneros discursivos que surgem nesse ambiente.

Diante dessas constantes alterações de modos de interação, observamos o surgimento de um novo sujeito reagente ao texto, que possui um perfil de postura ativa e reflexiva perante as informações que são exageradamente oferecidas no contexto virtual: é o caso do sujeito “lautor”, apresentado por Rojo (2013). Segundo a autora, o lautor está relacionado, justamente, à postura ativa do sujeito com o texto, o que pode ser expresso nos próprios ambientes virtuais



através dos diferentes dispositivos oferecidos nas esferas tecnológicas. Assim, percebemos que, a partir do letramento digital, o sujeito leitor-autor pode expor, em ambiente digital, os seus posicionamentos, pensamentos, opiniões e sentimentos.

Sendo assim, saber se relacionar com uma plataforma digital pode oferecer, além de uma experiência completa e imersiva nesse universo, um contato rico com diferentes culturas, cenários e novas formas de aprendizagem e até mesmo de entretenimento. A navegação é, portanto, uma prática que permite a ambientação do sujeito com a plataforma, gerando a autonomia desse usuário no consumo de informações, transformando, assim, o seu papel, que passa de receptor para participante ativo. É justamente por meio do contato com esses mecanismos oferecidos nas diversas plataformas on-line que o conhecimento digital é construído e aprimorado. Por isso, é interessante, também, observar que essas ferramentas, muitas vezes, já dispõem, de forma proposital, de uma interface intuitiva e de fácil interatividade, o que possibilita um eficaz direcionamento da leitura.

Portanto, ao considerarmos que tanto o hipertexto como as diferentes semioses são proeminentes no âmbito digital, ressaltamos que é através do letramento digital que serão obtidas as melhores e mais completas experiências no ambiente digital. Tais experiências resultam em textos com inúmeras possibilidades de interação, o que, por sua vez, é o cenário perfeito para a atualização da relação do indivíduo com o texto, como observado em uma *fanfic*. Por isso, quando falamos sobre o gênero *fanfiction*, entendemos que todos os mecanismos supracitados norteiam a sua compreensão, pois, sumariamente, assim como letramento digital é uma característica fundamental no manuseio desse gênero, o caráter hipertextual e, portanto, multimodal de uma *fanfic* a torna ainda mais interativa e social, como exploraremos a seguir.

Descobrimo a *fanfic*

Para investigar como o gênero digital *fanfiction* conquista seus leitores, tornando-os ávidos pela imersão nesse cenário ficcional, é importante que conheçamos as raízes do gênero. Veremos que, com ele, é possível que o leitor assuma tenha a oportunidade de imergir ainda mais em seu universo ficcional favorito, modificando, acrescentando, retirando ou recriando aquilo que mais o envolveu em uma obra original.

O surgimento das fanfics ocorreu em comunidades de fãs, denominadas de *fandoms*. Os *fandoms* são ambientes virtuais que reúnem fãs de determinada obra literária, *gamer* ou cinematográfica, bem como admiradores de figuras públicas, artistas ou personagens, e comportam as mais diversas expressões desse sentimento de admiração. Nessas comunidades, os fãs se percebem presentes numa intensa rede de interações socioculturais, tendo em vista que a internet promove contato simultâneo entre eles, suas obras e o resultado de suas expressões artísticas.

Em outras palavras, os *fandoms* são reuniões de fãs, que se organizam em espaços predominantemente virtuais para produzir, compartilhar, discutir e disseminar sua admiração por um objeto em comum. O objetivo desse espaço é, efetivamente, cultivar, reviver, recriar e criticar o universo de seu interesse, com grande carga de liberdade expressiva e interacionista, resultando em novos gêneros discursivos digitais, tais como as *fanarts* (representações imagéticas), os *fanvideos* (representações audiovisuais) e as *fanfics* (representações escritas, que fogem do sistema canônico e hierárquico presente nas obras originais).

Portanto, escrever uma *fanfiction* consiste em reescrever uma história, com base em elementos já existentes, buscando uma nova história ideal. Ou seja, as *fanfics* são produzidas a partir de alterações feitas no objeto original, tendo por base uma obra/figura canônica, para geração de um novo texto. Conforme Miranda (2009), esse processo de reformulação pode acontecer no diálogo entre um, dois ou mais autores-fãs e exibir um procedimento processual, colaborativo e dialógico. Quanto às temáticas abordadas, as *fanfics* englobam possibilidades variadas, apresentando novos elementos que possam ser apreciados por seus autores e leitores. É dessa forma que o universo ficcional angaria um grande número de fãs. Esse novo gênero é, portanto, resultante da interação entre o sujeito fã-leitor e a obra na qual ele se debruça, com o objetivo de participar desse universo ou modificá-lo conforme suas convicções particulares.

Uma *fanfic* pode ser encontrada em diferentes suportes na internet, a exemplo do *site Nyah!*, uma famosa plataforma presente na cultura de fãs, que apresenta uma interface intuitiva, interativa e organizada ao expor as *fanfictions*. Isso significa que, nesse *site*, cada história pode ser categorizada de acordo com seu gênero, conteúdo, formato e classificação indicativa. Outro notório recurso dessa plataforma é o quadro de dicas de ortografia que estão presentes em toda a página, ao longo da experiência de navegação, servindo como uma espécie de auxílio de revisão ou consulta dos autores e visitantes desses ambientes virtuais, a fim de melhorar a

qualidade ortográfica dos textos independentes, que não necessariamente passam por revisões de terceiros.

É importante destacar que, mesmo antes de acessarmos o conteúdo de uma *fanfic*, já é possível observar a construção composicional que o próprio suporte propõe, ao permitir que o autor escolha uma capa para sua história, escreva sua sinopse, adicione notas de esclarecimento, notas iniciais e notas finais. Além disso, o *site Nyah!* proporciona a interação com essas publicações, dando aos leitores a possibilidade de comentar, favoritar e recomendar suas *fanfics* favoritas, além de visitar o perfil daquele autor. Isso demonstra o caráter multimodal do gênero em questão, que se caracteriza, então, como um hipertexto, visto que é imaterial/virtual, ubíquo, multimodal, não linear/multilinear e apresenta intertextualidade infinita.

Como cada sujeito possui um ideal de personagem, história ou enredo perfeito, numa *fanfic*, é permitido exprimir, organizar e misturar os melhores elementos de uma obra original, com a liberdade de alterar de forma extraoficial aquilo que não faz parte desse imaginário utópico. Por isso, o fã passa de um sujeito receptor para um autor e crítico da obra. Isso significa, também, uma constante atualização no próprio modo de recepcionar uma obra original, com base nas experiências e críticas de cada sujeito, as quais são refletidas em *fanfics*, que representam essas mudanças.

Trata-se, portanto, de uma idealização, que pode representar utopias. Para compreender melhor esse conceito, com base nas elucidações de Bakhtin (1993), conheçamos, a seguir, a utopia carnavalizada, que permitirá um estabelecimento mais explícito da relação entre o sentimento utópico e a narrativa interativa das ficções de fã.

Era uma vez a carnavalização

Datado no período medievo, o carnaval compunha uma série de manifestações culturais produzidas para e pela parcela popular da sociedade da época. Na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin (1993) constrói uma compreensão sobre os rituais e simbolismos que esse evento comportava.

Originalmente, de acordo com o teórico, o carnaval representou um modo de perceber a sociedade durante determinado período festivo. Ou seja, segundo Bakhtin (1993), era a partir do carnaval que a sociedade encontrava maneiras de reinventar, reconstruir e ressignificar as

barreiras hierárquicas, sociais e estruturais da época. Assim, esse forte período festivo oferecia aos seus integrantes a oportunidade de, através das máscaras, do riso e do grotesco, experimentar uma vívida liberdade utópica de não ser, naquele momento, o que o seu papel social exigia.

Justamente por conta dessa intensidade dos acontecimentos no período carnavalesco, a compreensão do mundo se dava de forma particular nesses eventos, pois “o carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc” (BAKHTIN, 2010, p. CXL). Com isso, o filósofo russo reafirma, ao longo de sua obra, a importância de buscar essa identidade libertária da cultura carnavalesca popular e sua inegável influência na literatura mundial.

Numa perspectiva atual, o carnaval é fundamentalmente uma comemoração específica que envolve a liberdade individual. Percebemos, assim, ainda que de modo menos emblemático, os vestígios de seu sentido original, ao observamos, por exemplo, o uso de máscaras, na busca da mesma liberdade utópica de escolher o que ser ou quem (não) ser por determinado período.

Ao citarmos o caráter utópico presente evento do carnaval, é preciso compreender o sentimento de liberdade que esse fenômeno carregou historicamente. Em outras palavras, os ícones que integram esse movimento, a exemplo das máscaras e do riso destacados por Bakhtin (1993), são mecanismos utilizados na busca pela liberdade oferecida pelo sentimento utópico, em que observamos a quebra de uma hierarquia social, a transformação do indivíduo naquilo que ele deseja e a relativização da verdade previamente estabelecida. Assim, durante esse período de ritos e festejos, observamos a representação dos desejos individuais nas mais inusitadas facetas artísticas-carnavalescas.

Por sua vez, o carnaval na *fanfic* retoma os valores originais da Idade Média, que incluem o contato familiar e um forte caráter utópico de liberdade. Transposto para a literatura, o carnaval dá origem, então, ao termo carnavalização, que é, ao mesmo tempo, textual e contextual e restaura o sentido ambivalente entre os diferentes universos: o oficial e canônico (representado aqui pela obra original) e o carnavalesco, que existe conforme as fantasias dos seus integrantes (escritores, editores e leitores das *fanfics*).

Resultados e discussão: obra *versus* fã



Com base nessas considerações, apresentamos a análise qualitativa do nosso *corpus*, composto pela *fanfic* “E se Bella dissesse não?”, retirada, por meio de capturas de tela, do *site Nyah!*. A *fanfic* em questão foi postada pelo usuário *Grant* e é baseada na saga *Crepúsculo*, publicada originalmente por Stephenie Meyer, em 2005. Apesar de ser uma breve *fanfic*, o conteúdo da história aqui analisada muda por completo o teor da obra original; por isso, é importante que conheçamos a trama escrita por Meyer.

Na obra original, Bella muda-se de Arizona para Forks (EUA), onde se depara com uma região repleta de misticismo e perigos ainda desconhecidos pela jovem de 17 anos. Nesse contexto, Edward e sua família, os Cullen, são “vampiros vegetarianos” (que não se alimentam de sangue humano), que competem pelo espaço da cidade pouco ensolarada com outros vampiros que não seguem a mesma “dieta” e com uma tribo indígena de lobisomens protetores da região. O encontro entre os dois personagens se dá no refeitório da escola municipal, onde ambos se percebem imediatamente conectados. Tal passagem gerou diversas cenas emblemáticas para os fãs, tanto na obra literária quanto na adaptação cinematográfica, de 2008.

A partir de uma atmosfera misteriosa e do desenvolvimento dos personagens na perspectiva amorosa, *Crepúsculo* simbolizou, durante muito tempo, o ideal romântico de muitos jovens dessa década. Isso pode ser explicado pela fácil identificação com a personagem principal, que, descrita como uma adolescente comum, demonstrava, ao longo da narrativa, muitas doses de solidão, empatia e altruísmo. Assim, observa-se o sentimento utópico que já era apresentado pelos fãs da história nesse período, quando alguns jovens desejavam ter a vida descrita pela personagem do livro, ou seja, almejavam viver em um universo alternativo, livre, diferente da realidade e, conseqüentemente, carnavalizado.

Para além da temática do romance, há quem afirme que o sucesso da saga se deve ao caráter inovador que permeia as lendas sobre vampiros: tradicionalmente, um vampiro não sai ao sol porque o astro, fonte de calor e claridade, apresenta perigo mortal aos seres sobrenaturais, enquanto, na obra de Meyer, os belíssimos vampiros evitam o sol por se destacarem dos demais seres, tendo em vista que apresentam um reflexo similar a diamantes em suas peles.

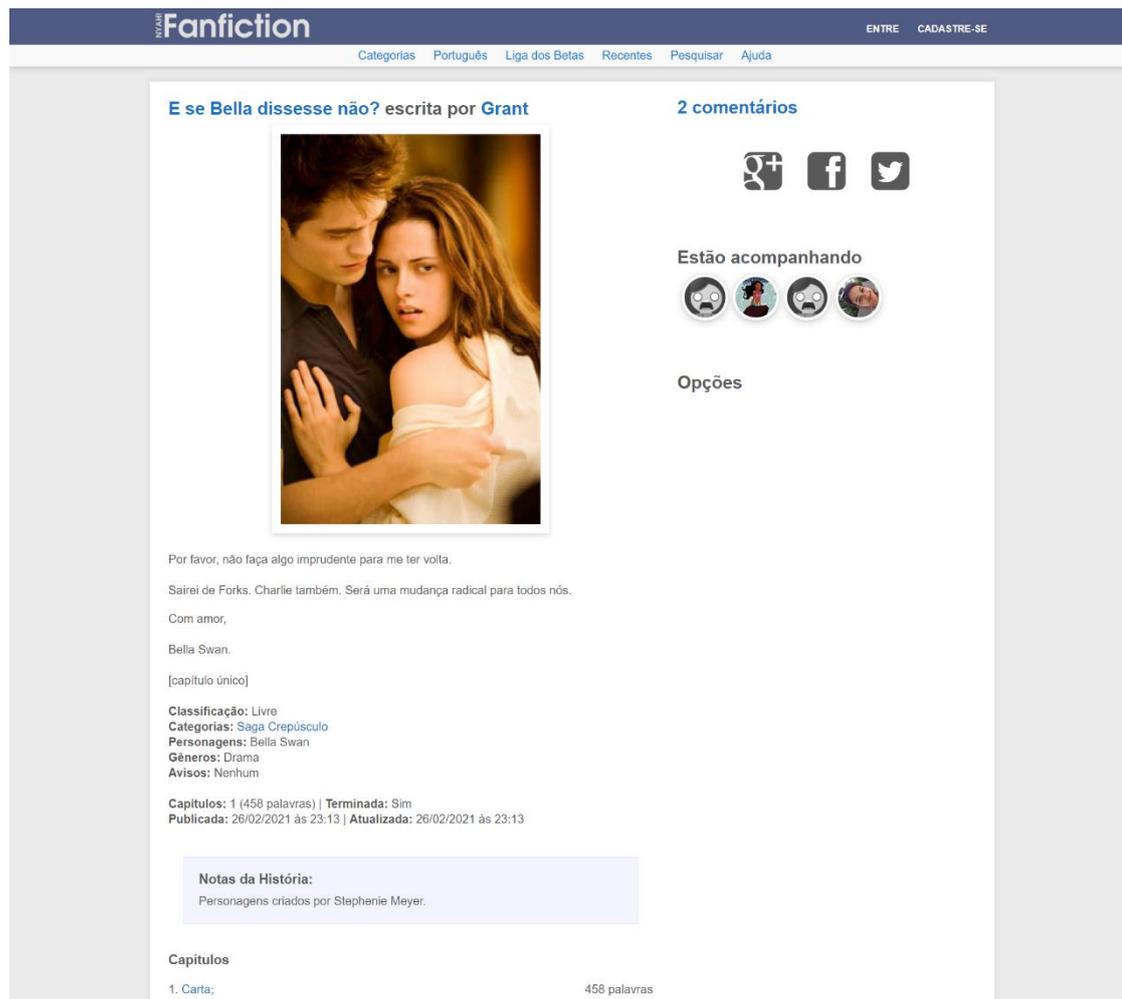
O fato é que, mesmo com tantos elementos de literatura fantástica, o romance que acontece entre os personagens apresenta uma carga trágica e impetuosa, tornando-se o foco da narrativa, principalmente quando Bella escolhe abdicar de sua história, família e prazeres terrenos para passar a eternidade com seu amado. Ao longo de três dos quatro livros da saga, a

personagem busca convencer Edward a transformá-la em vampira, o que ele rejeita com veemência, por motivos éticos e ideológicos, além de amorosos.

Na direção oposta ao que foi desenvolvido por Stephenie Meyer, o usuário *Grant* publica, em 2021, a sua versão da história, intitulada “E se Bella dissesse não?”. Enquanto, na obra original, a personagem Isabella Swan, ao se apaixonar pelo imortal Edward Cullen, decide abrir mão de toda sua existência como humana para viver esse romance, na *fanfic* de *Grant*, Bella deixa para Edward uma carta em que diz que, apesar de amá-lo, não é capaz de abandonar sua vida por ele.

“E se Bella dissesse não?” é composta por apenas 458 palavras e está estruturada em um único capítulo, sendo classificada como *one-shot*. A *fanfic* também foi categorizada como “gênero: drama” e “categoria: saga crepúsculo”, apresentando, ainda, notas extras, iniciais e finais, o que oferece um forte caráter multimodal para o gênero, como mostrado na figura 1:

Figura 1 — *Printscreen* da página inicial da *fanfic*



Fonte: *Nyah! Fanfiction*⁴.

É possível observar, na figura acima, o forte caráter multimodal nas opções de interação com a interface da página, o próprio texto e os usuários do *site*. A título de exemplo, as palavras destacadas na cor azul oferecem a opção de clique, redirecionando a página para o destino escolhido, que pode ser: notas iniciais, comentários dos leitores da *fanfic*, perfil do autor da *fanfic*, páginas específicas de categoriais, ajuda do próprio suporte do *site* e, até mesmo, outras redes sociais. Visualizamos, também, a imagem retirada de um filme da saga *Crepúsculo*, na qual os personagens Edward e Bella aparecem juntos, além de ícones que direcionam o leitor para outras redes, como o *Facebook* e o *Twitter*, e que representam fotos de perfil de usuários que estão acompanhando a *fanfic* por meio do site *Nyah!*. Tais aspectos demonstram que a *fanfic*

⁴ Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/799650/E_se_Bella_dissesse_ nao/. Acesso em: 11 jun. 2021.

aqui analisada pode ser classificada como um hipertexto, pois além da multimodalidade, apresenta as outras características mencionadas por Xavier (2009): imaterialidade/virtualidade, ubiquidade, não linearidade/multilinearidade e intertextualidade infinita⁵.

No universo paralelo criado pelo usuário *Grant*, Bella assume uma postura diferente da personagem original, revelando a mudança na percepção de uma personagem feminina ideal para esse fã. É provável que isso aconteça por conta do avanço tecnológico e da disseminação de informações na internet, que tornaram cada vez mais fácil reconhecer os problemas de uma obra que foi aclamada num período anterior. A exemplo disso, em diversos ambientes virtuais, surgiram fortes discussões em torno da figura exageradamente frágil de Bella, bem como do sentimento de posse que permeia a relação do casal Edward e Bella em toda a narrativa.

Sendo assim, observamos que, quando a perspectiva social muda, o comportamento do fã-autor também sofre esse impacto. Carregado pela criticidade que é promovida pela nova forma de enxergar o texto, o sujeito, muitas vezes, repensa sua própria compreensão de utopia, ou seja, o contexto social em que a obra original se tornou um sucesso anteriormente não se ajusta às convicções de relacionamento e força feminina da atualidade. Na *fanfic* analisada, esse caráter utópico está relacionado com a própria percepção do sujeito-autor, tendo em vista que esse elemento exprime as noções de desejo de se identificar com uma nova Bella, que representa um novo ideal de mulher, vigente nos dias atuais.

Já no começo da carta-narrativa, a Bella do universo alternativo criado por *Grant* fala sobre a sua decisão inesperada e sobre como isso afetará seu destinatário. Ela registra, de forma objetiva, que, diferente da Bella original, está decidida a arcar com as responsabilidades de ser quem ela é, além de apresentar-se madura o suficiente para, mesmo aos dezessete anos, entender a efemeridade de algumas situações, como ilustrado a seguir:

⁵ Por conta da limitação de espaço e por não ser o nosso foco neste trabalho, não detalharemos essas características nesta seção de análise.

Figura 2 — *Printscreen* do início da página principal da *fanfic*.

Edward,

Não sei o que você deve estar pensando, mas eu aposto que, aqui, você já entendeu do que se trata, e posso suportar que você me odeie por séculos — embora eu saiba que você não conseguirá me odiar de verdade. Um dia a dor vai passar, e ambos entenderão que é melhor assim.

Quero deixar claro, por escrito, que eu não vou me arrepender, porque ontem eu e Charlie tivemos um momento único, e eu não quero deixar isso para trás. Não quero fugir das minhas responsabilidades e viver ao lado de alguém que, se pudesse, teria escolhido outro desfecho.

Eu te amo, mas não para sempre, e não ao ponto de ver todos aqueles que eu amo morrerem. Não ao ponto de me colocar em risco e estragar a vida de pessoas que se importam comigo.

Se eu tivesse nascido em sua época e você estivesse saudável, poderíamos ter vivido por décadas, e provavelmente teríamos um lar e crianças. Mas é inegável: você é um vampiro, depois de noites de insônia, concluí que não consigo lidar com as nuances disso.

Não quero ter momentos extraordinários e estar fadada a milênios. Não consigo ignorar a minha existência, Edward, e o impacto que o desaparecimento dela teria.

A minha escolha é:

Não, não quero viver a eternidade ao seu lado.

E eu sei que você é o cara que qualquer pessoa se sentiria sortuda em ter em vida, e certamente aceitaria me acompanhar até a velhice. Mas nós dois sabemos que, quando eu estivesse prestes a partir, você me traria de volta, e talvez eu pensasse melhor sobre uma segunda chance.

Porém não é correto, porque eu quero *não* me arrepender.

Fonte: *Nyah! Fanfiction*⁶.

Na figura 2, observamos o conteúdo da carta, por meio da qual *Grant* reescreve não só uma personagem diferente da original, mas também uma nova perspectiva para a história. Nesse cenário da *fanfic*, a breve exposição dos sentimentos da personagem justifica a decisão de deixar seu amado, assim como, conseqüentemente, exclui a necessidade de, por exemplo, três sequências, como oferecido por Stephenie Meyer.

Além desse deslocamento de percepção, compreendemos que há, também, a transformação do enredo e da personagem utópicos por um fã-autor, pois a forma de enxergar o mundo desse sujeito se modificou desde a publicação de *Crepúsculo* até a data de “E se Bella

⁶ Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/799650/E_se_Bella_dissesse_nao/capitulo/1/. Acesso em: 11 jun. 2021.

dissesse não”. Isso porque o enredo original não atende mais tão bem às concepções de romance perfeito, visto que podem ser observados comportamentos obsessivos e sentimentos inflamados que não conversam com o novo ideal de romance simples e não doloroso vigente nas discussões atuais. Nessa *fanfic*, encontramos o registro dessa transformação.

Grant escreve sobre uma Bella que não só é plenamente consciente das implicações de suas escolhas como também assume a responsabilidade de viver com as consequências dessas opções, quando afirma que escolhe não se arrepender. Assim, abdicando da eternidade ao lado de Edward, Bella atribui a si mesma, nessa história, uma postura ativa e forte, que faltou à personagem de Meyer. Na *fanfic* de *Grant*, o destaque não é mais o romance impossível e intenso, mas o autodescobrimento da força da personagem. Isso demonstra a autonomia que o gênero *fanfic* oferece ao fã/escritor para projetar, com base na reelaboração de uma história original, os seus preceitos e idealizações.

Em seguida, na carta, Bella ressalta, também, a acentuada diferença de idade entre eles e como isso facilmente afeta o modo como Edward, aos cento e dezenove anos, influencia as decisões e emoções da jovem. Assim como todas as mudanças direcionadas à personagem até o momento, esse aspecto também pode representar uma crítica do escritor da *fanfic*, diante das novas problemáticas debatidas sobre o que, hoje, representa um relacionamento saudável e ideal. Nessa perspectiva, observamos novamente a construção de uma personagem diferente, que impõe a sua voz e, portanto, assume uma postura valente e incisiva, representando, na escrita, uma Bella que atende aos novos ideais do usuário que escreveu a *fanfic*.

No entanto, é possível perceber, no trecho seguinte e final, que, embora os princípios desse fã possam ter sido modificados com o decorrer dos anos, essas novas concepções não o fizeram abandonar a estima pela história. Na figura 3, abaixo, percebemos o sentimento de gratidão da personagem por ter vivenciado uma experiência tão intensa, da mesma forma que o texto pode, também, expressar o sentimento de um fã em ter aprendido e mudado com essa história. Dessa maneira, o usuário demonstra uma relação de consciência crítica diante dos problemas que a obra original manifesta para as concepções da atualidade e, ainda assim, mostra a relevância que a narrativa exerceu sobre sua formação enquanto leitor e crítico.

Figura 3 — *Printscreen* do final da página principal da *fanfic*

Escrevo para você, pois se você me olhar com os seus olhos, principalmente quando estão dourados, não terei coragem de dizer o que realmente quero, e aceito que você me ache covarde. No fundo, eu só tenho dezessete anos, e não cento e dezenove.

O que eu quero que saiba é que você mudou a forma que eu enxergo o mundo — a minha impulsividade, o meu ego, a minha vida. Talvez eu seja o leão, não? Porque sei que você ficará em pedaços quando ler esta carta, e eu não quero estar ao seu lado para consertá-lo, porque não há vilões nessa história.

Não pense que será fácil. Levarei anos para *pelo menos* me acostumar a não te ter. Sentirei falta do seu toque gélido, do piano, de pedir um beijo. Você é o infinito que descobri, que aprendi a apreciar. E a sua voz, até enquanto eu durar, será lembrada.

Por favor, não faça algo imprudente para me ter volta.

Sairei de Forks. Charlie também. Será uma mudança radical para todos nós.

Com amor,
Bella Swan.

Fonte: *Nyah! Fanfiction*⁷.

Vale ressaltar que algumas das discussões mais comuns entre a comunidade de fãs do romance abordam justamente a influência que a obra desempenhou na formação de seu hábito da leitura. Por isso, é comum encontrar fãs da saga que, mesmo enxergando, hoje, problemas que não eram percebidos em 2008, defendem o carinho e o sentimento nostálgico que essa narração desperta. O desfecho da *fanfic* de *Grant* pode representar esse sentimento.

Assim, nesse exemplar do gênero *fanfic*, observamos fortemente o caráter utópico carnalizado analisado por Bakhtin (1993), bem como o sentimento de liberdade na recriação de um universo ou de um personagem que atende às novas compreensões de mundo desenvolvidas com o passar do tempo. Assim, um mesmo fã pode admirar, de formas completamente diferentes, uma história, seja por seu valor sentimental ou pelo desenvolver de uma criticidade capaz de redefinir e atualizar suas convicções.

No que diz respeito à carnalização, o principal aspecto observado no corpus deste estudo está intimamente relacionado à liberdade de modificar o sujeito/personagem de

⁷ Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/799650/E_se_Bella_dissesse_nao/capitulo/1/. Acesso em: 11 jun. 2021.



determinada história, conforme os ideais do fã-leitor-autor, expondo, assim, o caráter altamente utópico e, conseqüentemente, carnavalesco, proporcionado pelo ato de reinventar. Nessa *fanfic*, observamos não só o desenvolvimento do autor e de suas ideias, mas também um registro social das transformações e discussões que ocorreram desde o lançamento da história original até os dias atuais. Tudo isso está refletido nesse breve capítulo, em que pudemos observar como, em apenas 458 palavras, um fã pode expressar suas fantasias, afeições, utopias e transformações, por meio do questionamento e reformulação da história de uma personagem icônica em seu tempo.

Conclusão

Neste artigo, visamos investigar a postura do sujeito-fã, leitor e autor do gênero discursivo digital *fanfic*, para compreender seu papel na (re)criação de histórias. Buscamos, também, analisar a utopia carnavalesca, postulada por Bakhtin (1993), diante dessa nova forma de compreender e produzir textos na era digital, baseada na (re)criação de histórias por fãs. Assim, percebemos que a recepção dos fãs perante as histórias que admiram pode mudar conforme as experiências e os conhecimentos adquiridos. Não obstante, a consciência crítica desenvolvida a partir das experiências individuais contribui para uma construção de diferentes ideais, e, conseqüentemente, cada sujeito apresentará uma representação particular da utopia.

A busca pela utopia e liberdade, apontada por Bakhtin (1993) como integrante fundamental da carnavalização, foi observada ao longo da análise do *corpus*, tendo em vista que, apesar das transformações de perspectivas e ideologias sociais, o ideal de personagens e enredos também se transformou, mas não deixou de existir.

Além disso, entendemos que, apesar de *Crepúsculo* ter sido duramente criticada nos anos posteriores, por apresentar problemas quanto aos ideais de relacionamento cabíveis no contexto atual, é inegável que essa obra afetou positivamente toda uma geração. Assim, por meio da expressão de apego, através da (re)escrita desses personagens, entendemos que, muito provavelmente, a obra *Crepúsculo* foi, assim como para uma legião de outros fãs, capítulo importante da história desse sujeito e sua relação com a leitura.

Em decorrência desses registros das relações sociais e pessoais presentes gênero *fanfic*, compreendemos a necessidade de aplicar o estudo desse gênero na sala de aula de Língua

Portuguesa. Assim, além de aproximar o aluno do hábito da leitura, através de um texto como a *fanfic*, familiar ao adolescente, é possível trabalhar a criticidade e a autonomia, além de estimular a criatividade e os hábitos de leitura e escrita. Dessa maneira, o trabalho com a *fanfic* pode contribuir para o desenvolvimento das competências elencadas pela BNCC.

Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 262-306.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Forense Universitária, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

MIRANDA, F. M. Fandom: um novo sistema literário digital. *In*: FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo (org.). **Intersecções: ciência e tecnologia, literatura e arte**. Recife: Edufpe, 2009. p 1-21.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, R. (org.). **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

XAVIER, A. C. S. Leitura, texto e hipertexto. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 207-220.